



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Porto Alegre

2019

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Lílian Rodrigues da Cruz

Coorientadora: Bruna Moraes Battistelli

Porto Alegre

2019

¹ Imagem da Conceição Evaristo recuperada do site <https://www. hojeemdia.com.br/almanaque/principal-escritora-negra-na-actualidade-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-faz-as-pazes-com-bh-1.664903>

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Trabalho apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação em Psicologia
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DRA. LÍLIAN RODRIGUES DA CRUZ - ORIENTADORA

DOUTORANDA BRUNA MORAES BATTISTELLI - COORIENTADORA

PROF. DRA. PAULA SANDRINE MACHADO – DEBATEDORA

AGRADECIMENTOS

Eu podia escrever um trabalho de conclusão inteiro só de agradecimentos, pois sou muito grato de ter encontrado muitas pessoas maravilhosas e especiais ao longo da vida. O meu primeiro agradecimento vai para aquela que me deu a vida e muita inspiração. Muito muito muito obrigado por tudo Lurdeca, eu te amo infinitamente. Eu dedico essa graduação e o título de psicólogo para ti mãe, nada seria possível sem você no meu lado. Certeza, tu és a mulher mais porreta desse mundo. Tenho muito orgulho de ti mãe. Te amo. Muito obrigado.

Meu muito obrigado para aquelas que auxiliaram minha mãe na difícil tarefa de me educar. Muito obrigado dinda Salete, Suely e Veranice, é impossível lembrar da minha infância e não associar ao afeto e puxões de orelha de vocês. Falando em infância, um beijão para o meu irmão Eduardo, minha prima-irmã Priscila (que apesar dos arranca rabos, eu não esqueço do quão importante foi para mim) e para a minha melhor amiga e prima-irmã Pâmela. A minha prima Aldenice, obrigado pelo suporte inúmeras vezes. Meus familiares em geral, obrigado! Vocês todos estão no meu coração.

Dieguitoooooo, meu amor. Meu muito obrigado pelo companheirismo, pela oportunidade de fazer esses anos de relacionamento virar uma grande amizade e por ser esse ser iluminado e aguentar meus surtos. Amo te fazer rir. Teu sorriso é meu maior presente. Te amo, obrigado por tudo.

Aos meus bebês que amo imensamente, Blue Ivy e Alaska, obrigado por me acompanharem na escrita desse tcc, mesmo quando era para me tirar o foco, às vezes era preciso. Vocês são as gatinhas mais fofas desse mundo. Amo vocês!!!

Amigos queridos e amigas queridas, vocês fazem essa loucura toda de ser gente grande mais leve. Obrigado Camila, Meirielen, Liliana, Michelle, Catarina, Vincent, Sophie, Laura, Jonathan, Paullo, Pablo, Lorraine, André, Thainá, Leonardo, Felipe, Giovana, Franciele, Camila, Eloisa, Eriane, Cristina, Thalita, Nathalia, Sérgio, Amanda, Albi, Andressa, Vitória, Jesse, Jéssyca, Juliana, Jucimara, Anne, Flávia, Priscila, Bárbara, Natalia, Fernanda, Paulo, William. Sei que posso ter esquecido de alguns, me perdoem, mas o sentimento de gratidão a todos que estiveram ao meu lado sempre é sincero.

Quero agradecer a todos alunos negros que ingressaram ou não por cotas raciais nessa universidade, aos que eu conheço e aos que eu não conheço, vocês são resistência. Nós somos a resistência. Esse lugar é nosso! Muito obrigado! Como diz a Dona Ivone Lara: “Um sorriso negro, traz felicidade”.

A professora Claudia Giacomoni e ao NEPP, meu muito obrigado por depositarem tanta confiança em mim. Ao professor Amadeu Weinmann e ao coletivo PET, as risadas e brincadeiras tornaram tudo mais leve, obrigado pelas sextas-feiras e por toda essa parceria e potencialidade que este grupo tem. Aos professores Henrique Nardi, Paula Sandrine, Raquel Silveira, Luis Artur Costa, Marcus Vinicius, ao CRDH e Nupsex, amei aprender muito com vocês, muito obrigado por fazerem parte de tudo isso. E me chamem sempre para os bons drinks, eu amo. Professora Rita Sobreira Lopes, eu quero agradecer imensamente o que aprendi contigo! Foi sem dúvidas uma das experiências que mais me deu esperança na universidade. Muito obrigado por tudo!

Profe Lilian, que sorte encontrar você nessa trajetória. Além de ser a minha orientadora, é a minha paraninfa e amiga muito querida que a vida me presenteou. Sou eternamente grato por toda a paciência e sensibilidade que tu tens ao me auxiliar na escrita deste trabalho. Estar no seu grupo e ao seu lado tem me feito muito bem. Gosto muito das suas gargalhadas, continue sempre com esse sorriso, ele é lindo. Quando crescer quero ser que nem você!

Ao GEPS, gurias vocês são muito especiais. Bruna, obrigada por entrar nas minhas loucuras e me mostrar que sou sim de “extrema humanas” mesmo sem querer. Tu tens sido uma grande parceria para discutir a ideia deste trabalho. Jéssyca, Thaís, Luciana, Amanda, Juliana, Kellen, Aline e Marília, vocês são incríveis, muito obrigado por me acolherem de forma tão linda nesse grupo.

Aos campos de estágio por onde passei e aos profissionais com quem trabalhei de diversas áreas que me mostraram a importância de um trabalho interdisciplinar, meu muito obrigado!!! Quero deixar registrado aqui também o meu carinho mais que especial pela nutricionista Camila. Baby, teu trabalho é magnífico! Que sorte esta minha de encontrar mais que uma parceira de trabalho excelente, mas também uma amiga. Um beijo especial para as minhas supervisoras locais de estágio: Gislei, Natália, Geovana, Ana Nadal, Ana Paula e Renata. Todas vocês foram essenciais para minha construção como psicólogo. Renata, eu quero destacar um agradecimento especial para

ti, psicóloga que eu passei mais tempo no campo de estágio e que fez dessa parceria uma grande amizade, pode contar sempre que precisar comigo. Tu és muito especial. Tenho muito orgulho do teu trabalho. Um beijão!

As minhas alegrias diárias, eu dedico este trabalho a vocês, todas as crianças e adolescentes do acolhimento institucional. Aqueles que vivem na pele o que é viver em uma instituição. Vocês me ensinaram tanto... vocês não têm noção do quanto eu aprendi nessa parceria. Vocês construíram esse psicólogo Léo. Muito obrigado, anjinhos! Guardarei vocês todos no meu coração!



2

² Imagem da Chimamanda recuperada do site <https://br.pinterest.com/pin/768074911420998630/>

RESUMO

Tá babado, viado! Somos aqui um trabalho de conclusão de curso que (tenta) fugir dos moldes hegemônicos da academia. Neste sentido, costuramos inspirações e histórias na produção de conhecimento em Psicologia Social. Nosso objetivo é discutir como se opera a interseccionalidade nos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes a partir da construção de narrativas ficcionais. Bom, é uma gambiarra! Misturamos arte e produção de conhecimento em busca de um trabalho acadêmico menos impessoal, objetivo e formal. Desta forma, seremos um trabalho sobre histórias, teremos histórias do começo ao fim. Precisamos contar essas histórias. Precisamos exaltar a nossa cultura. Precisamos contar histórias de pessoas que estão inscritas numa trama de relações de poder fortemente hierarquizada e caracterizada pelo sexismo, racismo, cissexismo, heterossexismo, preconceito de classe e muitos outros. As histórias não são únicas, já diria a Chimamanda. Precisamos contar histórias. E falando em Chimamanda Ngozi Adichie, ela assim como a Conceição Evaristo, são as estrelas do meu trabalho. Da mesma forma, essas narrativas também dizem de lugares que fizeram parte de mim, principalmente (ou inclusive) dos abrigos em que realizei meus estágios. Isso não quer dizer que as narrativas são sobre os lugares que passei ou sobre acolhidos/as com quem trabalhei. Meus personagens têm uma força que vem desde o nome. Aqui fica o convite para navegar neste trabalho e principalmente nas narrativas, pois este foi realizado com muito carinho e estou cheio de orgulho desta empreitada!

Palavras-chave: narrativas; ficção; interseccionalidade; acolhimento institucional; criança e adolescente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI –Acolhimento Institucional

AR - Acolhimento Residencial

AT – Acompanhamento/Acompanhante Terapêutico

B.O. – Boletim de Ocorrência

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CAPSi – Centro de Atenção Psicossocial à Infância e à Adolescência

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CT – Conselho Tutelar

DECA- Departamento Estadual da Criança e do Adolescente da Polícia Civil

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

LA – Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

NIS - Número de Identificação Social

NOB/SUAS – Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social

PIA - Plano Individual de Acompanhamento

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

PSB – Proteção Social Básica

PSE – Proteção Social Especial

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

UBS – Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	12
2. O ACOLHIMENTO.....	Erro! Indicador não definido.
3. INTERSECCIONALIDADES E/OU CATEGORIAS DE ARTICULAÇÃO NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	Erro! Indicador não definido.
4. DA FICÇÃO A REALIDADE: “MINHA CABEÇA PENSA E ESCREVE A PARTIR DE ONDE MEUS PÉS ESTÃO CRAVADOS”	Erro! Indicador não definido.
4.1. CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA INSPIRAÇÃO SEM FIM	Erro! Indicador não definido.
4.2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UM AMOR A PRIMEIRA VISTA	Erro! Indicador não definido.
4.3. JUNTANDO AS HISTÓRIAS E FAZENDO UMA BAITA GAMBIARRA	Erro! Indicador não definido.
5. NARRATIVAS: “NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É MENTIRA, NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É VERDADE”	Erro! Indicador não definido.
5.1. BOA MÃE, PORÉM, PROSTITUTA	Erro! Indicador não definido.
5.2. BICHA PRETA DE ABRIGO	Erro! Indicador não definido.
5.3. MEU SALÁRIO, MINHAS REGRAS	Erro! Indicador não definido.
5.4. E SE O NOME DESSA RUA FOSSE BEYONCÉ?	Erro! Indicador não definido.
5.5. A DOR DA DOR	Erro! Indicador não definido.
5.6. O ESTAGIÁRIO QUE DÁ MUITA PINTA	Erro! Indicador não definido.
5.7. AS VANTAGENS DE SER LOUCO.....	Erro! Indicador não definido.
5.8. O SUSPIRO DE UMA VIDA INSTITUCIONALIZADA...	Erro! Indicador não definido.
5.9. A FEIRA DE FILHOTES	Erro! Indicador não definido.
5.10. ESSA FESTA NÃO É MINHA!	Erro! Indicador não definido.
5.11. MARIELLE, PRESENTE!.....	Erro! Indicador não definido.
6. HISTÓRIAS (IM) POSSÍVEIS: DESCOLONIZANDO AS NARRATIVAS ..	Erro! Indicador não definido.
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

Com o verbo na carne

Esse texto deve ser aberto com bisturi
Para refletir sonhos alheios
Nas palavras, deixarei pistas de salvação
Letras a abrir caminhos
Sílabas de decisão

Esse texto deve ser aberto com bisturi
O verbo cheio de carne vai derramar sangue negro em seu rosto
Suas mãos brancas serão salpicadas de um vermelho quente e vivo
Nas palavras deixarei pistas de salvação

Esse texto deve ser aberto sobre a mesa
Para que reflita toda a sua luz
Depois, que seja oferecido
como o melhor tecido da última estação
Valorizado como pérola
Nunca distribuído aos porcos
Depois da refeição.

Cristiane Sobral

1. APRESENTAÇÃO

“*Tem gente no portão!!!*”. Essa foi a primeira frase que ouvi de um acolhido quando fui pela primeira vez no abrigo em que iria viver muitas histórias durante um bom período. Essa também foi a frase que eu passei a ouvir todos os dias quando chegava lá. “*Tem gente no portão!!!*”. Cada dia em que eu cruzava aquela grade alta marrom para dentro do abrigo tinha uma história nova para ser contada, em um final de semana parecia que eu tinha ficado um mês longe. Lembro-me da frase que a minha supervisora me falou antes mesmo de começar a estagiar: “o acolhimento institucional é muito dinâmico, todo dia é uma aventura nova”. E essas palavras não foram da boca para fora, eu percebi o quão o acolhimento nos toma e nos envolve emocionalmente.

Bom, começo o meu trabalho de conclusão de curso dando um aviso. Busco inspiração no texto *Crianças Bichas Demasiadamente Fabulosas* (Rodrigues, Roseiro, Zamboni, Brasileiro e Santana, 2017) para alertar que este trabalho será repleto de histórias. Do começo ao fim terá histórias. Desta forma, se você está esperando um texto acadêmico nos moldes tradicionais de um futuro psicólogo com interpretações munidas de referências, aconselho que pule para outro ou, então, deixe-se surpreender.

Refletindo, agora, o meu trabalho pode ser entendido como uma tremenda gambiarra. Entretanto, se assim for entendido, estarei no mínimo privilegiado por receber tal mérito. A gambiarra é, neste sentido, um modo de fazer. Assim como discute a autora Fernanda Bruno (2017), a gambiarra é o avesso do objeto industrial fechado. O objeto industrial fechado pode ser entendido como uma crítica da produção acadêmica e seus moldes aceitáveis de ciência.

Seus peças, emendas e conexões estão comumente explícitas não apenas visualmente e sensorialmente, mas também cognitivamente, pois ela permite que se leia em suas engrenagens e entranhas expostas os rastros de sua produção, dos gestos e acoplamentos que a constituem. De algum modo, a gambiarra opera num regime de “open knowledge” em sua própria materialidade, uma vez que, desde sua origem, sua montagem e seus usos, é sobre um saber comum, compartilhado e coletivo que ela se constrói. Esta continuidade entre a operação de produção e a utilização também está inscrita no próprio termo linguístico “gambiarra”, que designa na língua portuguesa simultaneamente um objeto (trata-se de um substantivo) e um modo de fazer, mostrando

a impossibilidade de se desconectar o objeto das ações que o produzem e que vêm de muitas partes (Fernanda Bruno, 2017, p. 147).

Neste sentido, a gambiarra é produzir histórias ficcionais. Aqui chamarei as histórias de narrativas. Narrativas dos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes. Narrativas ficcionais interseccionais. As inspirações para escrevê-las vêm de muitos lugares, principalmente (ou inclusive) dos abrigos em que realizei meus estágios. Isso não quer dizer que as narrativas são sobre os lugares que passei ou sobre acolhidos/as com quem trabalhei. Uma das coisas que posso afirmar é que a influência mais forte para escrever sobre o acolhimento vem das autoras Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie. As autoras não escrevem sobre acolhimento, tampouco sobre o campo da psicologia, entretanto imprimem em seus textos histórias de vidas que nos ajudam a pensar o conceito de interseccionalidade (retomarei mais adiante).

Tendo como foco o cenário do Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes, a ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade nos auxilia a perceber como um marcador social da diferença pode produzir subjetividades sobre a vida de uma criança e/ou adolescente, antes mesmo de estar sobre a tutela do Estado. Trago a passagem do autor Rogério Diniz Junqueira (2012) para melhor desenvolver o conceito de marcadores sociais:

marcadores identitários relativos a “sexo”, “gênero”, “orientação sexual”, não se constroem separadamente e sem fortes pressões sociais concernentes a outros marcadores sociais, como “cor”, “raça”, “etnia”, “corpo”, “idade”, “condição físico-mental”, “classe”, “origem” (social, geográfica, etc.), entre outros. Por isso, tanto estes quanto aqueles não poderiam ser tomados de maneira isolada e sem levar em consideração os contextos de produção de seus significados, os múltiplos nexos que estabelecem entre si e os mútuos efeitos que produzem (Junqueira, 2012, p. 11).

Desta forma, tenho como objetivo discutir como se opera³ a interseccionalidade nos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes a partir da construção de narrativas ficcionais.

Alerta de spoilers: Teremos impacto! As narrativas não são para serem interpretadas. Não vou fazer isso! Elas são para serem entendidas e produzirem efeitos. Não tenho controle do efeito que produzirão! São todas histórias, assim as fiz intencionalmente. Ora o leitor pode ficar se perguntando se a história é verídica ora se questionando se tudo saiu da minha cabeça. Pode afirmar que o que escrevi são coisas absurdas, que

³ O objetivo aqui não pode se confundir com uma busca da operação do tipo “receita de bolo”, como se houvesse de fato uma operação rígida que é seguida acerca das interseccionalidades. Busco discutir os possíveis desfechos de personagens performáticos de histórias fabulosamente comuns.

jamais aconteceriam em um abrigo. Eu não tenho respostas para essas perguntas. Esse não será um texto acadêmico nos moldes hegemônicos (impessoal, objetivo e formal). Seremos contra-hegemônico. Nos aproximaremos da linguagem oral. Busquei inspirações para isso, inspirações infinitas que falam de um longo percurso acadêmico e de vida do ser que eu sou. Usarei gírias, a linguagem do abrigo, da periferia, a minha linguagem. Não vou sair explicando uma por uma, vou deixar os leitores e as leitoras na busca de significados. Isso é um convite! Meus personagens carregarão uma força que vem desde o nome. Busquei homenagear pessoas de grande representatividade e admiração. Pessoas, apenas pessoas que eu sinto orgulho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akotirene, Carla (2018). *O que é interseccionalidade?*. Rio de Janeiro: Editora Letramento.

Almeida, Artur G. (2018). *A História de A.: Escrevivências de Um Aluno Cotista Negro no Curso de Psicologia da UFRGS*. Trabalho de conclusão de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193342>

Alves, Iulo A., & Almeida, Tainá A. M. (2011). O Perigo Da História Única: Diálogos com Chimamanda Adichie. *Trabalho apresentado no I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. Recuperado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>

Brah, Avtar, & Phoenix, Ann. (2004). Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal Of International Women's Studies*, 5(3), 75-86.

Brah, Avtar (2006). Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*. 26, 329-376.

Brasil (1993). Lei Nº 8.742, *dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências*. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742.htm.

Brasil (2009). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CNDCA). Conselho Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas: serviços de acolhimento para criança e adolescentes Brasília: CNDCA.

Brasil (2009). *Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de www.mds.gov.br/cnas/politica-e-nobs/pnas-2004-e-nobsuas_08-08.../download.

Bruno, Fernanda (2017). Objetos Técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. *ECO-Pos (on-line)*, 20(1). doi: 10.29146/eco-pos.v20i1.10407

Carneiro, Júlia D. (2018, Março 9). É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. *BBC Brasil*. Recuperado em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

- Costa, Luis A. (2014) O Corpo das Nuvens: O Uso da Ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.*, 26, 551-576. doi: 10.1590/1984-0292/1317
- Crenshaw, Kimberlé (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Evaristo, Conceição (2017). *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas
- Evaristo, Conceição (2018). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Freire, Paulo (2013). *Educação e Atualidade Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Gonzalez, Lélia (1983). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS, 2, 223-244.
- Guedes, Carina F. & Scarcelli, Ianni R. (2014). Acolhimento institucional na assistência à infância: o cotidiano em questão. *Psicologia & Sociedade*, 26, 58-67.
- Junqueira, Rogério D. (2012). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 1(1).
- Lima, Juliana (2017, Maio 25). Conceição Evaristo: Minha Escrita é Contaminada pela Condição de Mulher Negra. *Nexo Jornal*. Recuperado de <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>
- Meneses, Maria Paula (2010). Outras Vozes Existem, Outras Vozes São Possíveis, in Garcia, Regina Leite (org.), *Diálogos Cotidianos*. Petrópolis, RJ. 247-265.
- Morais, Carolina (2018, Março 6). Chimamanda Ngozi Adichie: O “Furacão” Na Luta Pelo Feminismo. *Revista Estante*. Recuperado de <http://www.revistaestante.fnac.pt/chimamanda-ngozi-adichie-furacao-na-luta-pelo-feminismo/>

Netto, José E. S. (2016, Março 4). O Esporte, o racismo e os estereótipos. *Medium*. Recuperado em <https://medium.com/@joseevaristo/o-esporte-e-os-estere%C3%B3tipos-304dca96190e>

Omidire, Felix (2018). Ifayemi Elebuibon e a Gnose Nagô-Yorubana: A Poesia Cantada na Busca pela Descolonização do Saber no Mundo Globalizado. *fólio - Revista de Letras*, 10(2). doi:10.22481/folio.v2i10.4709

Pardal, Fernando (2016, Fevereiro 21). Lima Barreto: negro, escritor, rebelde. *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT*. Recuperado em <https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/10239/lima-barreto-negro-escritor-rebelde>

Paula, Leonardo R., Goulart, Vicente P. & Macedo, Fernanda S. (no prelo). *Psicologia Positiva, Perspectiva Interseccional e Direitos LGBTTT*.

Piscitelli, Adriana (2008). Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras. *Sociedade E Cultura*, 11(2), 263-274.

Ribeiro, Djamila (2017). *O Que é Lugar de Fala?*. Belo Horizonte (Mg): Letramento.

Rodrigues, Alexsandro; Roseiro, Steferson Z.; Zamboni, Jésio; Brasileiro, Castiel V.; & Santana, Mariamma F. (2017) Crianças bichas demasiadamente fabulosas. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 3(1), 10-25.

Silva, Jorge A. (2018). O Devir Negro na Literatura Brasileira: Notas Sobre a Oralidade em Lima Barreto. *Fólio - Revista De Letras*, 10(2). doi:10.22481/folio.v2i10.4562

Soares, Lissandra V. (2017) *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. Acessado em março/2019, de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182451>.

Soares, Lissandra V., & Machado, Paula S. (2017). "Escrevivências" Como Ferramenta Metodológica Na Produção De Conhecimento Em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, 17(39), 203-219.

Sobral, Cristiane (2016). Palavras Não São Cascas. In: *Cadernos Negros: Poemas Afro-Brasileiro*. São Paulo: Quilombhoje,